

## Jó decidiu adorar

*“Então, Jó se levantou, rasgou o seu manto, rapou a cabeça e lançou-se em terra e adorou; e disse:  
Nu saí do ventre de minha mãe e nu voltarei; o Senhor o deu e o Senhor o tomou; bendito seja o nome do Senhor!  
Em tudo isto Jó não pecou nem atribuiu a Deus falta alguma.”*

Jó 1:20-21

**É** difícil adorar a Deus quando o nosso mundo acaba de desabar. No entanto, às vezes é a única coisa que nos resta. Quando ninguém consegue compreender a nossa dor, nem encontrar uma justificação para o mal que cai sobre nós, sabemos que Deus tem as respostas a todas as perguntas, portanto é para ele que corremos.

A dor da alma causada pela perda pode tornar-se tão intensa, que sentimos que não resta nada de nós, nada que valha a pena. E então lembramo-nos de Jesus, o Homem de dores. Lembramo-nos da sua dor suprema por nós – uma dor que nunca poderemos compreender completamente.

Durante três dias o nosso filho recém-nascido vacilou entre a vida e a morte. Eu não tinha vontade de viver. Ainda não tinha visto o meu bebé e, se o perdesse, que sentido tinha a vida no futuro? Eu não comecei por adorar a Deus, ao saber que a vida do menino corria sérios riscos. Orei, sim, orei dia e noite. Não conseguia fazer mais nada! Não tinha mais nada em mente, a não ser a recuperação dele... mas não adorei. Pendurei-me em Deus, derramei a alma vez após vez, deixei que as lágrimas que caíam silenciosamente durante a noite fossem como gritos por

socorro junto ao trono da graça... mas não adorei. A aflicção era grande de mais para me lembrar de ser espiritualmente correcta. Conhecia a história de Jó, mas não me ocorreu agir como ele. A vida do meu filho estava em perigo e tudo o que eu pedia era a sua restauração. Pedia um milagre, mas não o milagre de aceitar a vontade de Deus, qualquer que ela fosse. Isso foi o que o pai dele fez, com uma fé e uma coragem tremendas. Eu não fui capaz. Durante três dias não abri mão, não entreguei. Tentei negociar com Deus, chantagear o Senhor (como se isso fosse possível!): se o levores, também terás de me levar a mim, porque se ele não viver, eu também não quero viver. Que batalha tão grande!

Mas depois Deus fez o milagre: caí em mim, arrependi-me de ter orado daquela maneira, senti-me como uma louca que não sabe o que diz, compreendi que estava a orar errado e emendei a minha oração. Então a paz de Deus fluiu como um rio. Eu aceitaria a Sua vontade, qualquer que ela fosse, e continuaria a viver até que Ele quisesse. Nunca na vida tive de dizer nada que me custasse tanto como isso.

Na madrugada do quarto dia, Deus veio confortar-me com várias porções das Escrituras que me trouxe à mente.

E nessa madrugada eu soube que o meu filho havia de sobreviver. Estávamos em hospitais diferentes e eu não sabia que ele ainda não estava livre de perigo, mas Deus assegurou-me que ele viveria e isso foi o suficiente para cobrar ânimo.

Algumas horas depois o pai travava a maior batalha de sempre pelo nosso menino recém-nascido. Como médico, ele sabia o que os colegas estavam a pensar, compreendia as consequências do procedimento que planeavam instituir... seria o fim. Entrou num vestiário minúsculo e entregou o menino nas mãos eternas do Pai Celestial. Isso partiu-lhe o coração. E eu nem sequer estava lá, nem sequer sabia de nada...

Ao sair do cubículo, com os ombros vergados pelo peso da dor, como um guerreiro cansado, ele ouviu dizer, como se fosse um sonho, que o menino tinha recuperado – inexplicavelmente! O nome dele só podia ser «aquele que adora (ou ama) a Deus» – Timóteo.

Através desta provação alcançámos um conhecimento mais lúcido da grandeza de Deus, do seu poder e da sua soberania. Como família e como indivíduos ficámos marcados para sempre – marcados pela misericórdia de Deus, percebendo melhor a dádiva suprema do Filho unigénito ao mundo, entendendo um pouco mais do coração do Pai.

Qualquer que seja a tua batalha deste dia, Deus sabe que tu não és nenhum gigante da fé. Deus não espera que o teu comportamento seja perfeito, porque ele sabe bem o que há no teu coração, conhece a tua estrutura e lembra-se de que és frágil, finito e a tua vida aqui é breve. Deixa-te cair nesses braços de amor. Chora sem medo. Apresenta o teu caso. Conta a tua dor... E depois descansa, porque Deus vai trabalhar a teu favor.